



depet

ASSOCIAÇÃO DOS
ENGENHEIROS
DA PETROBRAS

MARÇO DE 1996
Nº 108

Demissões em massa: apenas um boato?

Este artigo recebeu diversas contribuições que expressaram um sentimento de frustração e mágoa com o sistema vigente e, principalmente, com a crescente desvalorização do ser humano. Demonstraram, em especial, um desconforto com a onda de boatos decorrentes das orientações do Governo para a "reforma constitucional" e com prováveis demissões no Sistema PETROBRAS, chegando-se mesmo a falar em demissão em massa na PETROBRAS. Uns acreditam que chegue a 17.000 o número de demitidos, e especula-se a possibilidade de uma demissão incentivada com até dois salários por ano de trabalho na Companhia.

No final do texto foram deixadas linhas em branco para que você as complete com novas contribuições sobre o assunto. Envie-as ao Setor de Jornalismo da AEPET para publicação no próximo boletim. Este artigo tem a intenção de provocar o debate dos petroleiros sobre este assunto tão polêmico, avaliando as oportunidades de mercado, os interesses empresariais e as orientações governamentais que visam reduzir as atividades da PETROBRAS e enfraquecê-la.

Tomou-se o cuidado de não causar pânico, mas a AEPET não pode ficar à margem dessa discussão. Queremos, sim, uma participação ampla dos empregados no debate, de todos que participaram da construção dessa Empresa.

Os boatos são calcados naturalmente em diversos fatos, e todos sabem que "onde há fumaça há fogo". A PETROBRAS conta hoje com aproximadamente 46.000 empregados, com média de idade estimada de 38 anos, sendo 20% de formação universitária. As áreas de abastecimento (DECOM-DETRAN-DEPIN) e exploração-produção (E & P), divisões estas assim subentendidas pela direção da Empresa e seus consultores internacionais, contam com 20.000 empregados cada, e o restante da Empresa totaliza 6.000, aproximadamente.

O número de empregados com mais de 50 anos de idade está em torno de 2.200, sendo 800 de nível universitário. Acima de 45 anos são 7.700, dos quais 2.300 também possuem nível universitário. Por outro lado, com idade inferior a 30 anos são apenas 4.100, sendo 400 de nível universitário. Cumpre registrar que não há renovação dos quadros da Empresa. Metade dos empregados estão situados na faixa entre 35 e 45 anos de idade. Por fim, devem ser levadas em conta, ainda, algumas restrições, tais como, limite de idade para a PETROS, para quem entrou após 1978; novo critério da Previdência

por tempo de contribuição; e anulação da aposentadoria proporcional aos 30 anos, se aprovada a proposta do Governo, além de seu impacto nas aposentadorias especiais, o que torna difícil a ocorrência de grande número de aposentadorias nos próximos anos.

Intimidadas, algumas chefias omitem-se, sendo que parte delas possui liderança inadequada e/ou subserviência, em troca de perspectiva de carreira gerencial. Neste sentido, aplicam "adestradamente" teorias em experimentação, como as "unidades de negócio", que quase levaram

à falência a British Petroleum e a IBM, o que tem provocado transformações radicais na organização, muitas vezes para pior. Há grandes cortes no orçamento e muito pouco incentivo a novos negócios e atualizações tecnológicas. Os técnicos, que verdadeiramente vêm conseguindo bons resultados para a Companhia, acabam por sentirem-se ameaçados, comprometendo a produtividade.

A inconsequente desvalorização do corpo técnico se agravou

com as recentes aposentadorias, provocadas pelo próprio Governo com seu projeto de Reforma Previdenciária. Desta forma, a Empresa perdeu massa crítica em diversos setores técnicos. Isto fez com que a média de tempo de serviço para aposentadoria na PETROS passasse de 32 para menos de 30 anos, provocando uma perda de poder financeiro da Entidade equivalente a R\$ 500 milhões, tornando-a frágil para enfrentar os próximos anos. Apesar das van-

tagens atuariais a longo prazo, decorrentes da redução dos benefícios pagos

relativos ao tempo de serviço, esta nova realidade acaba por prejudicar o fluxo de caixa atual da PETROS, que se soma aos prejuízos em aplicações equivocadas, como a do Banco Econômico.

A quantidade de empregados contratados por empreiteiras, em um esquema de terceirização exacerbado e sem critérios, vem aumentando em todas as áreas da Companhia, o que prova que, para uma empresa deste porte funcionar, são necessárias mais de 60.000 pessoas.

(continua)

**A inconsequente
desvalorização do corpo
técnico se agravou**

Demissões em massa: apenas um boato? (continuação)

No entanto, a maior parte da terceirização em andamento aproveita-se apenas do baixo custo da mão-de-obra no mercado, usurpando as conquistas históricas da classe trabalhadora do setor petróleo e comprometendo a qualidade dos serviços. Raras vezes as empresas são especializadas e restritas a trabalhos temporários.

Há, ainda, falta de comprometimento do contratado com o desenvolvimento tecnológico e com a PETROBRAS, que acaba sendo substituído após adquirir experiência por outro sem prática alguma. Dessa forma, abandona os projetos em pleno desenvolvimento, motivado por melhores condições ou devido ao término do contrato de trabalho.

As empreiteiras e alguns gerentes apenas se aproveitam destas pessoas humildes e exploradas, que se vêem obrigadas a trocar o emprego certo por outro momentâneo, inseguro, sem garantias ou encargos, perdendo seus direitos trabalhistas. Diante do exposto, percebe-se que as novas teorias gerenciais liberais não se preocupam com os seres humanos envolvidos, justificando os "meios" pelos "fins".

Para agravar todo esse processo perverso, não há critério para demissão dos empregados. Muitos setores foram obrigados a recontratar os aposentados como assessores para não comprometer a continuidade do processo.

Outros retornam ao trabalho através das empreiteiras, com grandes prejuízos para a Companhia, apenas para atender à diretriz governamental de redução da lotação das empresas estatais.

Em alguns casos, as empreiteiras são contratadas para atividades essenciais, passando a "donas" dos serviços, que normalmente exigem alto grau de capacitação e experiência. Perde-se, portanto, a memória técnica, a integração na Companhia e informações confidenciais estratégicas são passadas para potenciais concorrentes.

Cabe aqui ressaltar a ética e a capacidade da maioria dos nossos companheiros, aos quais fazemos um alerta neste artigo, lembrando que esta Empresa se fez com muito trabalho e dedicação, sendo funda-

mental seu posicionamento neste momento.

O clima organizacional da Companhia está péssimo, principalmente devido às propagandas que o próprio Governo, seu acionista majoritário, vem fazendo contra suas estatais, como no barco onde pessoas remam em sentido contrário. Trabalha-se em uma Empresa cujo proprietário quer fechá-la. Assistimos à dilapidação da INTERBRÁS, da PETROQUISA, da PETROFÉRTIL, da PETROMISA, além do patrimônio das plataformas e navios serem transferidos à BRASOIL, manobras do próprio Governo para controlar suas "trapalhadas", sem resistência aparente do povo brasileiro ou mesmo de seus próprios empregados.

Projetos que poderiam ser desenvolvidos no País foram transferidos para as empresas estrangeiras, gerando empregos lá fora e prejudicando novas oportunidades aqui.

Além disso, os empregados não participaram das recentes mudanças organizacionais em andamento, gerando um clima de desconfiança e desmotivação. A pouca auto-estima dos empregados se agravou ainda mais com o descaso da Companhia, demonstrado nas negociações salariais com a FUP, ocasionando até a morte do colega

Clotário Francisco Cardoso, na madrugada do dia 30/5/95. Era um experiente negocia-

dor, mas naquela ocasião enfrentava situações estressantes, criadas pelo próprio Governo. Afinal, o Poder Executivo informava, através dos meios de comunicação, que os petroleiros estavam escondendo combustível, tornando impossível uma negociação. Hoje, o Tribunal de Contas da União (TCU) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) chegaram à conclusão que os combustíveis estavam realmente sendo escondidos, mas pelas distribuidoras. Tratou-se apenas de mais uma farsa montada a fim de buscar respaldo do povo a favor da quebra do monopólio.

Por sua vez, o novo Governo manteve a mediocridade dos governos anteriores, controlando

a inflação com a manipulação dos preços dos derivados, dos baixos salários de seu povo, das elevadas taxas de juros, da taxa de câmbio desfavorável à exportação e do abandono dos investimentos em infra-estrutura, educação e saúde, causando ainda uma taxa de desemprego alarmante. Tudo isso feito com o aplauso e o incentivo dos meios de comunicação, atividade altamente concentrada nas mãos de poucos em uma sociedade onde a maioria é mal

remunerada e mal informada. No Brasil, no total de 150 milhões de habitantes, 100 mi-

lhões ouvem rádio diariamente e 90 milhões assistem televisão, enquanto cerca de 20 milhões são leitores de jornais e revistas. Todo o volume da comunicação pública é controlado por apenas 29 famílias, das quais somente duas controlam mais de 80% da audiência televisiva.

Só não assistimos ao encerramento das atividades das empresas nacionais porque estamos vivendo a maior concentração de renda e desnacionalização que o Brasil já apresentou. Estas empresas, privadas e estatais, estão sendo vendidas a preços mínimos, suficientes para saldar apenas suas atuais dívidas. E vão passando às mãos dos poderosos grupos, a maior parte internacionais, como no caso da indústria alimentícia, dos bancos, das empresas de autopeças e de refrigeração, das siderúrgicas, da indústria farmacêutica, das metalúrgicas, das lojas de departamentos, dos supermercados, das petroquímicas, das propriedades rurais, da indústria de eletrodomésticos, etc.

As demissões aumentam em todo o País, e as empresas, que no discurso atribuem seu crescimento ao seu principal patrimônio, ou seja, seus empregados, se livram com facilidade dos mesmos, demonstrando a demagogia neoliberal. Cresce o número de excluídos. São sacrificados até mesmo os incautos e individualistas que acreditavam na compensação salarial decorrente da redução do número de empregados.

Com os dados acima e com o nível de desemprego do País, podemos prever que não haverá interesse de empregados em sair espontaneamente da Empresa.

**Trabalha-se em uma
empresa cujo proprietário
quer fechá-la**

**Teorias gerenciais liberais
não se preocupam com os
seres humanos envolvidos**

Demissões em massa: apenas um boato? (continuação)

A idade, o índice crescente de desemprego, a dependência da PETROS e o ainda presente espírito de corpo, apesar dos baixos salários, do nível de endividamento pessoal e da desmotivação, são fatores preponderantes. Havendo demissões em massa, onde esse pessoal vai conseguir novo emprego? A maior parte dos participantes desta provável "demissão voluntária" será absorvida pelas multinacionais que se instalarão no País a partir da quebra do monopólio do petróleo. Como na Argentina, se aproveitarão dos baixos salários atuais da Estatal e procurarão cooptar a melhor fatia dos técnicos especializados da PETROBRAS. Naquele País, este processo foi denominado de "esvaziamento". Estes empregados sairão com os bolsos cheios, devido à "demissão voluntária", o que se somará aos prejuízos da PETROBRAS com o custo já desembolsado com seus treinamentos, sem contar os possíveis reflexos na PETROS. Não é possível prever a quantidade de mão-de-obra que interessa a estas empresas, mas com os dados acima podemos calcular, com facilidade, o prejuízo técnico, financeiro e moral dos brasileiros. Uma pergunta fica no ar: por que não privilegiar com incentivos financeiros os empregados que realmente pretendem continuar na Companhia, ao invés dos que sairão para atender as empresas interessadas em liquidar a

PETROBRAS e adquirir-la a preços irrisórios?

E ainda surgem novos boatos, tais como a privatização do DETRAN, da BRASOIL, da BR, do que restou da PETROQUISA e da PETROFÉRTIL, da disponibilização da tecnologia desenvolvida no CENPES e dos dados exploratórios do antigo DEPEX, apenas para citar alguns. Até quando e onde?

O *Jornal do Brasil*, em 17/01/96, publicou a matéria "Pobres nos

EUA vivem de caridade", onde afirma que a rede de distribuição de alimentos para necessi-

tados, a Second Harvest, está distribuindo alimentos para quase 10% da população americana, 26 milhões de pessoas de uma população de mais de 250 milhões. São provenientes de doações de mais de 350 empresas privadas do país, geralmente produtos cujo prazo de validade está muito próximo de expirar, ou ainda com algum defeito na embalagem. O correspondente da *JB* estima que se os republicanos, que têm a maioria no Congresso, conseguirem aprovar seus cortes em programas sociais, em sete anos os EUA terão que quadruplicar suas doações de alimentos, chegando a 1,8 bilhão de quilos. Mais de 50.000 agências, em todo o país, se encarregam de fazer chegar essas refeições aos necessitados. em

abrigo de sem-teto ou igrejas que atendem aos pobres. Os republicanos, liderados pelo presidente da Câmara, Newt Gingrich, querem cortar principalmente gastos com o Medicaid e o Medicare - seguros de saúde para pobres e velhos.

O povo francês, que já serviu de modelo ao mundo através da Revolução Francesa, parece despontar em bloco contra as reformas neoliberais, principalmente a da Previdência. Estas reformas trariam graves prejuízos às conquistas democráticas do povo, em troca de um discutível equilíbrio de contas do Governo. Afinal, o papel de um governo democrático é servir aos interesses de seu povo. Parabéns ao povo francês! Sinais semelhantes de resistência aparecem na Bélgica, na Rússia e em outros países.

Portanto, até os países do Primeiro Mundo estão sacrificando seus povos em favor do poder econômico, o que demonstra que não basta viver em um deles para deixar de passar por necessidades e privações. O saudoso deputado Florestan Fernandes tinha razão:

passamos do imperialismo das nações para o imperialismo dos oligopólios.

Podemos

concluir, então, que os boatos têm fundamento mas continuarão sendo apenas boatos até que tenhamos sua oficialização. Você é do tipo "ver para crer"?

Diretoria da AEPET

ESPAÇO RESERVADO PARA A SUA CONTRIBUIÇÃO
(se o espaço for insuficiente, anexe o necessário)

[illegible]

A questão do desemprego

O problema do desemprego assusta hoje a, pelo menos, 54 países, do Primeiro ao Terceiro Mundo. Por coincidência, todos eles estão aplicando, há algum tempo, o projeto neoliberal de governo.

No Brasil, a população começou, embora tardiamente, a se dar conta da grande ameaça. Os institutos Gallup - em pesquisa para o PMDB - e o Vox Populi, constataram que o item que mais preocupa a população é o desemprego. Um deles observou que o nível de preocupação atingiu a 43%, apesar de tantos itens pesquisados (violência, assaltos, fome, miséria, educação, saúde, salário e muitos outros). É um percentual elevado.

A mídia e o Presidente FHC têm divulgado, insistentemente, que o índice de desemprego é de apenas 4,6%. Aliás, o horário em que o Brasil mais cresce, segundo o Deputado Alexandre Cardoso (PSB-RJ), é o das 20 às 20:30. É o horário do *Jornal Nacional*. Naqueles 30 minutos, o Brasil é só progresso. Seria muito bom se fosse verdade.

Contestamos com veemência esse índice, por várias razões; entre elas, duas de grande importância: o Governo brasileiro, no ano passado, informou à ONU que o País tem 42 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza, cerca de 30% da população. Dos 65 milhões de pessoas que formam a população economicamente ativa, apenas 21 milhões têm carteira assinada, conforme estudo recente da Fundação Getúlio Vargas. Os outros 44 milhões estão subempregados na economia informal. Portanto, as ocupações consideradas como "empregos" não passam de quebra-galhos com ganhos irrisórios. O preocupante nisto é que as pessoas estão sendo obrigadas a trocar empregos sólidos, com direito a férias, 13º salário, FGTS e aposentadoria, por atividade de camelô ou subempregos temporários, ou terceirização. Tudo sem nenhum direito social. É o aviltamento do emprego e do trabalho.

Aliás, esta é a razão pela qual o Governo quer destruir os fundos de pensão, através da reforma da Previdência. Hoje, as empresas contribuem com dois reais para cada real do empregado. A reforma reduz para apenas um real. Isto inviabiliza os fundos. Nos EUA, as empresas contribuem até com o total. Lá, os fundos movimentam US\$ 6 trilhões por ano. Aqui, apenas cerca de US\$ 50 bilhões. Eles são uma forma efetiva de distribuir renda. Além

disso, formam uma previdência séria que dá retorno garantido aos seus participantes.

O Governo pretende destruí-los por dois motivos principais: os fundos estão adquirindo empresas produtivas, contrariando o projeto neoliberal, que quer liquidar as empresas públicas e privadas brasileiras, vendendo-as a preço de banana não para os brasileiros, mas para as multinacionais. Por outro lado, quer também abrir caminho para as "arapucas" dos bancos privados, a exemplo do Chile. O contribuinte paga um valor alto e, quando chega a hora do retorno, é uma decepção. No Chile isto está ficando evidente, agora que chegou a hora dos pagamentos dos benefícios.

Há cerca de três anos escrevemos um artigo, publicado em alguns jornais, onde estranhávamos os projetos de governo calçados em recessão, juros altos e salários achatados. Dizíamos que bons salários geram consumo, que gera aumento da produção, que gera desenvolvimento tecnológico e emprego, e assim sucessivamente. É uma correta espiral desenvolvimentista.

Na época, até Mário Amato produziu uma frase inteligente: "Lembremos que são os trabalhadores que compram os nossos produtos. Portanto, achatar salários é reduzir o mercado". Por coincidência, ele sumiu do noticiário a partir daí. Com exceção do Cruzado, todos os demais planos vêm seguindo o caminho inverso: recessão, juros altos, achatamento salarial, baixo consumo, desemprego. O mais triste desta história é que aplicamos uma receita que vem dando errado em 54 países, inclusive do Primeiro Mundo.

Estamos assistindo a um processo criminoso de desmontagem e desnacionalização da indústria privada brasileira. Eletrodomésticos, eletrônicos, alimentação, remédios, autopeças, brinquedos e muitos outros. Muito em breve não teremos mais empresas nacionais. Estaremos trabalhando como vendedores e consumidores de produtos importados, gerando empregos e riquezas lá fora e desemprego e miséria aqui.

A questão tecnológica é seríssima. 90% da tecnologia brasileira é gerada pelas Estatais, Universidades e Centros de Pesquisa Militares. Todos estes estão sendo inviabilizados. Estamos sendo condenados a exportar minérios e matérias-primas baratas em média por US\$ 50/tonelada, ao invés de usar a tecnologia fabricando produtos acabados, cuja exportação renderia

US\$ 50.000/tonelada. Somos um País potencialmente rico, atuando como pobre.

Estamos assistindo ao fechamento de empresas de engenharia, consultoria, projetos, fabricação e montagem. Empresas que desenvolveram tecnologia de ponta, como componentes para produção de petróleo em águas profundas, estão fechando as fábricas e agindo como representantes das empresas estrangeiras que concorriam com elas e perdiam. É o caso da Det Tronics, da Sistema, da Microlab e muitas outras. Isto leva o País a ficar sem meios para reverter a marcha para a recolonização. A falta de incentivo, de financiamento, de juros civilizados, de economia de escala inviabilizam as empresas, que fecham as fábricas. Técnicos que custaram caro para o País abandonam a profissão ou vão embora para o exterior.

Os países asiáticos dão ênfase às atividades de resultado positivo: tecnologia e educação. Onde todos ganham e ninguém perde. Esses países investem pesado na geração de empregos. Chega a ser obsessiva a defesa do emprego que, lá, é um direito quase vitalício.

O Brasil está emprestando dinheiro às empresas para se "modernizarem", onde o resultado é sempre a demissão de empregados. O mais incrível é que o BNDES financia esses programas com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Ou seja, o FAT está financiando a geração de desemprego.

Da forma que vai, a curto prazo, a questão do desemprego vai entrar num abismo profundo: a reforma administrativa dos estados e municípios vai desempregar 30% de trabalhadores; a fusão de bancos, idem; a privatização, idem, e a faixa etária desses trabalhadores situa-se entre 30 e 45 anos. De que vai viver essa massa de desempregados? De assaltos? Do narcotráfico? O ex-presidente da AEPET, Diomedes, foi baleado por um desempregado que virou assaltante.

Como é possível chegarmos a este estado de coisas no País mais viável do mundo, que tem recursos naturais e estratégicos que nenhum país tem?! As pessoas de bem precisam sair do marasmo e reagir. Elas formam um contingente de mais de cem milhões. Afinal, há um pequeno grupo de pessoas que domina este País há mais de 30 anos. Até quando?

Diretoria da AEPET

■ Associação dos Engenheiros da Petrobras (AEPET) - Av. Almirante Barroso, 22, 19º andar - Centro - RJ

CEP: 20031-000 - Tel.: 220-4774 - Fax: 262-9224

■ Boletim da AEPET ■ Jornalista Responsável: Ivana Barreto

■ Diagramação e Editoração Eletrônica: Lúcio Santos Assessoria de Comunicação - Tel.: (021)285-5934